

Cardoso reage e diz que não

O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem às lideranças sindicais que não abre mão de seus princípios para modernizar o Brasil e mandou um recado aos políticos — não teme críticas.

“Não tive a confiança do povo para ceder ao primeiro bufo ou ao primeiro arreganho que diz, ah, tá errado; não, não, não...” Um dos maiores críticos de FHC é o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL), que alertou para possibilidade de o Congresso derrubar o veto ao aumento do salário mínimo para R\$ 100,00.

Fernando Henrique chamou de “demagogos” os que defendem o aumento do mínimo sem apontar as fontes de receita, de modo a evitar a quebra de regra da Previdência Social. “Querem aumento do mínimo? Eu também quero”, afirmou, durante almoço, em discurso para dirigentes da Força Sindical e da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), em Brasília. A direção da Central Única dos Trabalhadores (CUT) não mandou representantes ao encontro com FHC. O presidente da CUT, Vicente Paulo da Silva, o “Vicentinho”, alegou um compromisso inadiável. O almoço do Presidente com os sindicalistas encerrou a série de debates entre o Governo, políticos e representantes da sociedade sobre as mudanças na Constituição.

Reforma — O discurso do Presidente foi carregado de críticas aos que condenam as reformas da Carta. “Temos de tirar as teias de aranha que às vezes não permitem que desejemos mudanças”. Fernando Henrique insistiu no veto ao aumento do mínimo e disse lutar pela liberalização da economia porque é uma pessoa de convicções, de princípios e que se errar, vai admitir o erro. Também fez uma autocrítica de sua participação na Assembléia Constituinte: “Fui relator-adjunto da Constituição, votei muitos desses pontos que precisam ser mudados”.

Nos recados aos políticos, Fer-

nando Henrique também fez elogios. As críticas foram aos que o atacam. “Temos de parar de jogar para a platéia; já vimos muitos impostores se arrebentarem”. Os adversários, do PT, ganharam elogios. “Na última eleição nossos contendores não foram impostores. Segundo o Presidente, eles tiveram a coragem de dizer que erraram ao perceber os equívocos”.

Fernando Henrique, partidário do diálogo, quer debater as propostas de mudanças na Carta com os parlamentares e se recusa a usar a força dos aliados para impor as modificações. “Em matéria constitucional ninguém pode ter a verdade absoluta e não pode fazer imposição”. Segundo ele, não se faz reforma constitucional na base do rolo compressor. “Nunca admiti isto como senador e não é agora, como Presidente da República, que vou mudar de opinião”.

O plano — O Brasil, entende o Presidente, está pronto para dar grandes saltos. Ele afirmou que quando era ministro da Fazenda e criou o Plano Real, os críticos diziam que daria tudo errado, acabaria com o salário dos trabalhadores e provocaria recessão. “Não aconteceu nada disto”, lembrou. “Houve aumento da massa real de salário, não há uma ação na Justiça contra o real e houve expansão sustentada da economia”.

Isto aconteceu, disse o Presidente, porque houve força de vontade. “Eu resisti às pressões, e agora nós estamos em uma economia em funcionamento, temos uma moeda que deu sinais de que é forte”. Ele atribuiu tais resultados à organização do orçamento, à discussão com os partidos, com o Congresso, ao corte de despesas e à “coragem de dizer não, como eu disse, ao aumento do salário, quando não era possível”.

Qualquer mudança na Constituição, hoje, avalia o Presidente, não vai beneficiar este Governo, mas a sociedade como um todo, em 10, 15 ou 20 anos.

Vai ceder a críticos